

## CAPÍTULO I

### I

Já anoitecia quando ele chegou ao ferry.

Ele poderia ter chegado ali muito antes. A verdade era que havia adiado aquilo tanto quanto pudera.

Primeiro o almoço com os amigos em Redquay; a conversa leve e sem maior importância, a troca de fuxicos sobre amigos em comum – tudo aquilo significando apenas que internamente ele evitava fazer o que era preciso. Seus amigos o tinham convidado para esperar pela hora do chá, e ele aceitara. Mas por fim havia chegado o momento em que sabia que as coisas não mais poderiam ser adiadas.

O carro por ele contratado já estava à espera. Disse adeus a todos e partiu pelos doze quilômetros ao longo da estrada movimentada que percorria a costa até uma via ladeada por árvores que levava para o interior e terminava junto a um pequeno cais de pedra às margens do rio.

Lá havia uma enorme sineta que o motorista badalou com vigor a fim de chamar o ferry que estava do outro lado.

– O senhor deseja que eu o espere, senhor?

– Não – disse Arthur Calgary. – Já pedi um carro para me buscar lá daqui a uma hora e me levar a Drymouth.

O homem recebeu o pagamento e a gorjeta. Ele disse, espreitando o rio através da escuridão:

– O ferry se aproxima, senhor.

Com um boa-noite pronunciado com delicadeza, deu ré no carro e se afastou em direção à colina. Arthur

Calgary ficou esperando sozinho no cais. Sozinho com seus pensamentos e apreensivo com o que o aguardava. “Como a vista era selvagem por aqui”, pensou. Alguém poderia se imaginar em um lago escocês, longe de tudo. E, apesar disso, a apenas alguns quilômetros havia hotéis, lojas, bares e as multidões de Redquay. Refletiu, não pela primeira vez, sobre os extraordinários contrastes das paisagens inglesas.

Ouviu o suave esparramar da água produzido pelos remos assim que o ferry boat se aproximou do pequeno cais. Arthur Calgary subiu a rampa molhada e entrou no barco enquanto o barqueiro o firmava com croque. Era velho e deu a Calgary a estranha impressão de serem, ele e o barco, uma criatura só, una e indivisível.

Uma brisa gelada veio se arrastando da direção do mar logo que partiram.

– Faz frio esta noite – disse o barqueiro.

Calgary anuiu. Concordava também que fazia mais frio naquele dia do que na véspera.

Estava consciente, ou ao menos assim pensava, de ter visto uma velada curiosidade nos olhos do barqueiro. Eis um estranho. E um estranho que aparecia depois de encerrada a temporada de turismo. Mais ainda, aquele estranho cruzava o rio em uma hora incomum – tarde demais para o chá ou café no píer. Não levava bagagem, de modo que não poderia estar indo para ficar. (Por quê, perguntava-se Calgary, ele havia partido *tão* tarde? Seria por estar, de maneira subconsciente, adiando ao máximo esse momento? Deixando para o mais tarde possível aquilo que precisava ser feito?) Cruzando o Rubicão\* – o rio... o rio... sua mente se voltou para outro rio – o Tâmis.

---

\* Rio ao norte da Itália. Na campanha de Júlio César, em 49, cruzar o Rubicão seria declarar guerra à própria Roma. Como dito popular, “cruzar o Rubicão” significa chegar a uma situação sem volta. (N.T.)

Havia olhado para aquilo sem enxergar nada (teria sido apenas ontem?), depois voltou os olhos outra vez para o rosto do homem que o encarava do outro lado da mesa. Aqueles olhos pensativos escondiam alguma coisa que ele não fora plenamente capaz de compreender. Uma espécie de reserva, algo que era pensado mas não expresso...

“Suponho”, pensou, “que eles aprendem a não mostrar nunca o que estão pensando.”

A coisa toda era um tanto assustadora quando alguém se envolvia sem subterfúgios. Tinha de fazer o que era preciso fazer – e depois disso – *esquecer!*

Franziu o cenho ao lembrar da conversa do dia anterior. Aquela voz tranquila e agradável, num tom de quem não se compromete, dizendo:

– Você está bastante determinado quanto ao rumo de sua ação, dr. Calgary?

Ele respondera com fervor:

– O que mais posso fazer? Você entende? É preciso que o senhor concorde? É algo de que não tenho como me esquivar.

Ele não havia, contudo, captado a expressão daqueles olhos furtivos, de um cinza esverdeado, e havia ficado um pouco perplexo com a resposta.

– É preciso olhar para o assunto de todos os ângulos, considerá-lo sob todos os aspectos.

– Só pode existir um aspecto aos olhos da justiça?

Ele havia falado com fervor, considerando por um momento que aquela era uma sugestão ignóbil para “silenciar” o tema.

– De certa maneira, sim. Mas há muito mais por trás disso, o senhor sabe. Mais do que, como podemos dizer, justiça?

– Discordo. É preciso levar a família em consideração.

E o outro disse com rapidez:

– Claro, ah, sim, claro. Eu estava pensando neles...

De imediato, contudo, o outro homem disse, sem qualquer alteração em sua voz agradável:

– Fica a seu critério, dr. Calgary. O senhor deve fazer, é claro, o que sua consciência mandar.

O navio ancorou na praia. Ele tinha cruzado o Rubicão.

O barqueiro, com sua voz macia de interiorano, disse:

– São quatro pences, senhor, ou incluo também o retorno?

– Não – disse Calgary. – Não haverá retorno. (Quão fatídicas soaram aquelas palavras!)

Pagou. E então fez uma pergunta:

– O senhor conhece uma casa chamada Sunny Point?

Subitamente a curiosidade deixou de ser velada. O interesse nos olhos do velho lampejou com vigor.

– Como não, claro. Fica logo ali, à sua direita, pode-se vê-la por entre as árvores. O senhor segue por aquela colina, sempre costeando a estrada, à direita, e então pega a estrada nova, que passa por entre as construções da propriedade. É a última das casas, no final do trajeto.

– Muito obrigado.

– O senhor está falando mesmo de Sunny Point, senhor? Onde a sra. Argyle...

– Sim, sim... – cortou-lhe Calgary. Não tinha vontade de discutir o assunto. – Sunny Point.

Um sorriso lento e um tanto peculiar fez curvar os lábios do barqueiro. De repente pareceu um daqueles antigos faunos.

– Foi ela quem batizou a casa durante a guerra. Era uma casa nova, claro, recém-construída, ainda sem nome. Mas o nome do lugar em que foi construída, aquela pequena península, era Viper's Point, isso mesmo! Mas Viper's Point não lhe parecia um nome agradável, não para sua casa. Então escolheu Sunny Point. Mas nós continuamos usando o nome antigo.

Calgary agradeceu com rispidez, deu-lhe boa-noite e seguiu em direção à colina. Todos pareciam estar dentro de suas casas, mas ele tinha a impressão de que olhos o espreitavam através das janelas dos chalés; todos o observá-lo, sabedores de seu destino, dizendo uns para os outros: “Ele está a caminho de Viper’s Point...”

Viper’s Point. Que nome horrendo, ainda que apropriado, deve ter parecido...

Mais afiado que um dente de serpente...

Reviu bruscamente seus pensamentos. Precisava se concentrar e se preparar para dizer exatamente o que tinha de dizer...

## II

Calgary chegou ao fim da ótima estrada nova, ladeada por belas casas, cada qual com seus oitavos de acre de jardim: palmas, crisântemos, rosas, sálvias, gerânios – cada proprietário demonstrando seu gosto individual na arte da jardinagem.

Ao fim da estrada, havia um portão com as palavras SUNNY POINT em letras góticas. Ele abriu o portão, cruzou-o e seguiu pela curta passagem. A casa estava logo à sua frente – um prédio sólido, moderno, de uma arquitetura sem personalidade, com empenas e pórtico. Poderia estar localizado em qualquer boa vizinhança de subúrbio ou em qualquer novo bairro. Não estava à altura, na opinião de Calgary, da vista que oferecia, por que ela era, sem dúvida, magnífica. O rio fazia ali uma curva acentuada ao redor do cabo quase a ponto de se fechar sobre si mesmo. Uma colina coberta de árvores se erguia na direção oposta; rio acima, havia mais uma curva cujas margens, a distância, estavam cobertas por arbustos e orquídeas.